



## Por Trás do Véu<sup>1</sup>

Anna Carolina Negri Pinto de Souza<sup>2</sup>

Bruna Tonzano Rosa<sup>3</sup>

Camilla Cremácio<sup>4</sup>

Fabiana da Silva Lopes<sup>5</sup>

Juliana Cruz da Silva<sup>6</sup>

Priscila Della Bella da Silva<sup>7</sup>

Prof. José Salvador de Faro<sup>8</sup>

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

### RESUMO

Como vivem as mulheres muçulmanas na sociedade da Grande São Paulo? Elas trabalham? Namoram? Quais são suas histórias? Em um país que se declara laico, mas com forte influência cristã, como essas mulheres exercem sua fé? Existe discriminação ou não pelo uso do véu? Elas são submissas a seus maridos? E quem são seus maridos? Quem os escolheu? Impulsionadas por essas inquietações, as autoras de Por Trás do Véu foram buscar respostas. O resultado dessa jornada pode ser lido nas 22 histórias de mulheres de diversas nacionalidades, profissões e idades. Mulheres nascidas em famílias tradicionalmente muçulmanas e outras convertidas mostram que existe muita diferença entre cultura e religião, e desfazem alguns mitos. Mães, filhas, estudantes, esposas, tão diferentes, são unidas por um laço: o islamismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Islamismo; Mulheres Muçulmanas; Islã-Brasil;

### INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XIX Expocom, na categoria B jornalismo, modalidade B Jornalismo. Modalidade produto, como representante da Região Sudeste.

<sup>2</sup> Jornalista formada pela Universidade Metodista. Diretora de fotografia e produtora editorial do projeto, annacarolnps@gmail.com.

<sup>3</sup> Jornalista formada pela Universidade Metodista. Produtora editorial do projeto, e-mail: bruna@hardcore.com.br.

<sup>4</sup> Jornalista formada pela Universidade Metodista. Produtora editorial do projeto, e-mail: camilla.cremacio@gmail.com.

<sup>5</sup> Jornalista formada pela Universidade Metodista. Produtora editorial do projeto, e-mail: fabianaslopes@gmail.com.

<sup>6</sup> Jornalista formada pela Universidade Metodista. Produtora editorial e líder do projeto, e-mail: juli.cruz@uol.com.br.

<sup>7</sup> Jornalista formada pela Universidade Metodista. Produtora editorial do projeto, e-mail: priscilabella@gmail.com.

<sup>8</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo da UMESp, e-mail: jsfaro@uol.com.br.



Com as roupas compridas e o véu cobrindo os cabelos, elas circulam por São Paulo atraindo olhos curiosos. Muito se fala sobre mulheres que vivem nos países do Oriente Médio, mas pouco se sabe sobre como elas vivem em países com cultura, religião e política tão contraditórias às suas crenças.

A caótica São Paulo abriga diferentes tipos de pessoas que se encontram nos grandes centros de compras, no transporte público, no trabalho, etc. Mas como as mulheres muçulmanas, tão diferentes das tradicionais mulheres da grande metrópole, convivem num ambiente tão hostil ao que lhe parece natural? Como elas vivem diante de tantas divergências? Em que a cultura da Grande São Paulo interfere em suas vidas?

Desejos, paixões, vontades e gostos. Elas são mulheres que, apesar de “diferentes” aos olhos brasileiros, também sentem, se emocionam, esperam e celebram a vida todos os dias.

E é por isso que esse livro reportagem foi buscar a essência do que é curioso a primeira vista, mas tem explicação e sentido em tudo o que é. As personagens foram selecionadas por meio de pesquisas e visitas à mesquitas e eventos islâmicos.. Os relatos feitos ilustram cotidiano das próprias e a interferência das diferenças culturais e religiosas em suas vidas, uma vez que o Brasil é um país de grande sincretismo religioso, mas que possui uma forte tradição cristã, em especial católica.

A herança do cristianismo na sociedade brasileira é responsável pela ligação entre o estado e a religião, como por exemplo, a presença de símbolos católicos em repartições públicas, como é o caso da Assembléia legislativa de São Paulo (ALESP), e a existência de apenas feriados religiosos de origem cristã no calendário nacional, como por exemplo: a Paixão de Cristo, Corpus Christi, Nossa Senhora Aparecida, Finados e o Natal. Portanto, apesar de se colocar como imparcial o estado cria um cenário que, por vezes, torna-se contrário à cultura religiosa de outros países.

Neste contexto, para que a comunidade muçulmana pudesse se integrar à sociedade brasileira, muitos costumes foram modificados. Algumas mulheres dispensam o véu por conta do preconceito, por exemplo. As orações diárias também são adaptadas à realidade do Brasil, tornando difícil cumprir horários em alguns casos.

Os primeiros muçulmanos de origem árabe começaram a chegar ao Brasil no fim do século XIX e início do XX. A maioria dos imigrantes árabes é originária da Síria ou do Líbano. Essa imigração teve início no pré-guerra e continuou após o fim da Primeira



Guerra Mundial devido à dificuldade das aldeias em se manterem auto-suficientes com o meio de subsistência mais comum entre as famílias, a agricultura.

A imigração dos povos muçulmanos para o País refletiu em choques culturais e religiosos.

Segundo o censo realizado pelo IBGE em 2000 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), existem cerca de 30 mil muçulmanos no Brasil. Já a Assembléia da Juventude Islâmica Mundial (Wamy) o número de adeptos chegue a um milhão e meio. No mundo, a comunidade islâmica corresponde a 17,2% da população, com 1,112 bilhões de seguidores, segundo o último estudo comparativo de religiões realizado pelo Vaticano em 2006.

## **2 OBJETIVO**

Atitudes simples do cotidiano. Gestos normais que parecem ter algo de especial ou diferente quando vindos de mulheres que se cobrem e têm uma cultura distinta da ocidental.

Com este livro pretendemos mostrar que essas mulheres são como todas as outras que trombamos na rua. Observamos o choque cultural entre essas culturas e acompanhamos olhares curiosos que as seguem por onde andam. Conviver de perto como essa realidade nos fez responder perguntas intrigantes e esse era o nosso objetivo: Como é viver numa das maiores metrópoles do mundo? Existe preconceito na sociedade da Grande São Paulo, uma região repleta de miscigenação de raças e tradições?

As histórias contadas por elas mesmas possibilitam que essas mulheres tornem-se personagens a fim de desmistificar a idéia que existe sobre suas vidas. São palavras que esclarecem a simplicidade coberta apenas por um véu. Um tecido que provoca a curiosidade de quem observa do lado de fora e provoca mudanças na vida de quem o veste. Para elas, como é viver o dia-a-dia numa sociedade dita laica?

Diante de tantas dúvidas, a principal razão do livro Por trás do véu é juntar histórias diferentes unidas por um laço em comum: o islamismo. E, mais do que isso, contar histórias simples, para mostrar o enfrentamento dos pequenos obstáculos do cotidiano.

## **3 JUSTIFICATIVA**



As controvérsias que a figura da mulher muçulmana cria no mundo ocidental são inúmeras. A sua imagem é constantemente associada a estigmas negativos como: a opressão, a inferioridade e a agressividade. Esses pré-conceitos em relação ao mundo muçulmano são questionados na obra *Orientalismo: O oriente como invenção do Ocidente*, de Edward Said. Segundo o autor, a visão distorcida e inferiorizada do Oriente como o “outro”, serviu para que o ocidente o subjugassem. Essas concepções são comuns até os dias de hoje e interferem no cotidiano das mulheres muçulmanas no Brasil, uma vez que as tornam vítimas do preconceito e de idéias errôneas que anulam a sua identidade cultural.

Alguns estudiosos ocidentais acreditam que existe uma condição específica da mulher no contexto do Islã, caracterizado pelo isolamento e pelo controle da sua sexualidade de forma bem mais extrema do que em outras sociedades. Na visão de Peter Demant, em sua obra *O mundo muçulmano*, o processo de segregação da mulher foi feito em nome da proteção dos homens contra a tentação sexual. Para não distrair os homens, por exemplo, elas rezam separadamente na mesquita. A associação da mulher à sexualidade e, por outro, a necessidade de o homem controlar essa sexualidade em favor de sua honra, resultou no enclausuramento do objeto de desejo.

Entretanto, os versículos do Alcorão que regulam e limitam o comportamento da mulher são poucos e passíveis de múltiplas interpretações. A situação da mulher no islã reflete mais valores e necessidades de uma sociedade tribal, como da época na qual ele surgiu, do que valores especificamente religiosos. Há, portanto, um entrelaçamento entre normas sociais e preceitos religiosos.

A colonização, as independências e a integração do Oriente Médio no mercado global geraram uma série de novos problemas para o mundo muçulmano, como: a urbanização, a mobilidade física e social, a escolarização, entre outros. O contato com o Ocidente e a modernização fulminante das sociedades e economias muçulmanas também conduz a uma interação muito mais intensa e não controlada entre os sexos do que era usual no mundo muçulmano tradicional.

Em resposta a esse contato com o “mundo ocidental” é natural o esforço para não perder a identidade religiosa e cultural. Para evitar a morte de seus costumes e valores, a comunidade árabe-muçulmana brasileira fundou centros religiosos, associações beneficentes e a construção de mesquitas e escolas. O pólo inicial deste



processo foi a cidade de São Paulo, sendo que, posteriormente, o exemplo foi seguido em outras regiões do país.

Por outro lado, na busca pelo sucesso profissional e integração à sociedade brasileira, o aprendizado do idioma português tornou-se mais relevante que o do idioma árabe, o que contribui para um maior afastamento social entre os descendentes e as gerações iniciais. O dilema central da maior parte dos muçulmanos que vivem no Brasil é, muitas vezes, a escolha, entre uma identidade coletiva árabe-particular ou então islâmica-universal. Na prática, a segunda opção implicaria, por exemplo, em sermões em português no lugar de árabe, o que facilitaria a abertura a novos convertidos brasileiros.

Para se fixar no Brasil, os muçulmanos passaram a trabalhar majoritariamente no comércio, porém essa tendência se modificou na geração atual, que já está nas universidades e assumindo diferentes posições no mercado de trabalho.

A modernidade cria inúmeras situações de convivência inevitável: transportes públicos, colégios e universidades, fábricas e escritórios colocam os sexos cotidianamente em contato direto. A nova situação de aluna e trabalhadora seria inesperada para a mulher do islamismo tradicional. Por isso, é importante entender como essa situação atua na vida da muçulmana contemporânea, numa cultura geralmente receptiva “demais”, sendo consideradas por alguns “leviana”, em comparação aos preceitos puritanos do islã (Peter Demant, 2004).

No mundo muçulmano, as reações à crescente integração econômica da mulher na sociedade são de dois tipos. De um lado, modernistas (tanto secularistas como religiosos), que consideram a emancipação da mulher positiva em princípio, desde que sejam tomadas precauções para guardar sua castidade, a ordem social, a dignidade da nação ou as demandas mínimas da religião. De outro, fundamentalistas, que rejeitam tal entrada e proximidade como uma afronta à ordem social divina.

Desta forma, também é importante compreender como as muçulmanas brasileiras modernas são aceitas na sociedade brasileira. Há preconceito com a mulher que cursa uma faculdade ou trabalha fora? São impostas, a essas mulheres, restrições que contrastam com a cultura brasileira, e mais especificamente paulista, contemporânea? Como elas lidam com esses obstáculos?

A escolha da Grande São Paulo como região de pesquisa para a livro-reportagem foi feita devida a alta concentração da comunidade muçulmana no local, que também possui o maior número de mesquitas e salas de orações do País e por ser uma das



regiões mais cosmopolitas do Brasil. Mesmo nessa sociedade de tamanha diversidade cultural existe preconceito? A tradição consegue ser mantida ou é diluída?

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

O grupo desenvolveu o projeto realizando entrevistas, pesquisas de campo e descrição/narração/dissertação. As pesquisas se deram através de visitas às Mesquitas de São Bernardo do Campo, Avenida do Estado e do Pari. Durante as visitas levantamos dados e informações com as mulheres frequentadoras dos locais que contribuíram para a formação e enriquecimento de nosso projeto. As entrevistas foram realizadas em duplas, e eventualmente, por uma só integrante do grupo. Gravamos todas as entrevistas em fita k7 ou em arquivos digitais, sendo que a gravação era só de áudio, sem imagem. Além de anotarmos informações que considerávamos relevantes durante a entrevista em blocos de anotações. Neste projeto não utilizamos gravações audiovisuais (só de áudio, como já citado), nem locução. Depois de finalizadas as entrevistas e pesquisas de campos, nos utilizamos da escrita para desenvolver o projeto. Os textos produzidos têm tanto caráter descritivo, como narrativo e dissertativo.

#### **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO**

Livro-reportagem de seis capítulos, 192 páginas, com fotos de cada fonte. Em cada capítulo são traçados perfis separados de cada mulher entrevistada.

#### **6 CONSIDERAÇÕES**

Acreditamos que o livro foi de fundamental importância para o encerramento do nosso aprendizado como jornalistas, além de nos trazer enriquecimento cultural e a oportunidade de viver novas experiências. O livro tornou-se não somente uma obra de jornalismo literário, mas também de cunho filosófico, trazendo histórias que levam o leitor a pensar sobre as influências das diferenças culturais e sobre os diferentes tipos de vida que encontramos em uma cidade como São Paulo.

Pesquisar esse assunto, realizar as entrevistas, fotografar as diferentes faces, trouxe nos a oportunidade de expandir uma realidade antes escondida e julgada de forma errada.



Conviver com essas mulheres foi uma experiência de enriquecimento profissional e pessoal, em que pudemos verificar o quanto é míope a visão da sociedade e da mídia e como nós somos extremamente influenciados, sem ao menos questionar. De qualquer maneira, de perto tudo fica muito mais claro e transparente.

## REFERÊNCIAS

AL MAUDUDI, Imam. **O ISLAM Código de Vida Para os Muçulmanos.** São Bernardo do Campo – SP: Centro de divulgação do ISLAM para América Latina, 1989.

ARMSTRONG, Karen. **O Islã.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano.** São Paulo: Contexto, 2004.

FARAH, Paulo. **O Islã.** São Paulo: Publifolha, 2001.

GUIBERT, LEFÈVRE E LEMERCIER. **O fotógrafo** - Uma história no Afeganistão - Vol 1. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LOGAN, Harriet. **Mulheres de Cabul.** São Paulo: Editora Geração ISBN, 2006.

MOREIRA, Leandro. **O Islã no Brasil:** os muçulmanos imigrantes e o islamismo em São Paulo. São Paulo, 2004. 89p. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SAID, Edward. **Orientalismo:** o oriente como invenção do ocidente. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

SASSON, Jean P. - **Princesa:** a história real da vida das mulheres árabes. São Paulo: Best Seller, 1998.

\_\_\_\_\_. - **Princesa Sultana:** sua vida sua luta. São Paulo: Best Seller, 1ª edição.

SEIERSTAD, Asne. **101 dias em Bagdá.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

\_\_\_\_\_. **O livreiro de Cabul.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

SILVA, Edilson Adão **Cândido. Oriente Médio:** a gênese das fronteiras. São Paulo: Zouk, 2003.

WRIGHT, Lawrence. **O vulto das torres:** a Al-Qaeda e o caminho até 11/9. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.